

# A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NA BUSCA DA ESSÊNCIA DOS FENÔMENOS EDUCACIONAIS

## THE PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF SEMI-CONSTRUCTED INTERVIEWS IN SEARCH OF THE ESSENCE OF EDUCATIONAL PHENOMENA

**Clinger Cleir Silva Bernardes**

Instituto Federal do Espírito Santo – *Campus* Piúma  
clingerjf@gmail.com

**Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos**

Colégio Pedro II – *Campus* Tijuca II  
giselequimica@gmail.com

### Resumo

Neste artigo propomos uma reflexão em torno do uso da abordagem fenomenológica para a análise de entrevistas semiestruturadas. Por meio da retomada de conceitos relevantes para a fenomenologia de Husserl, buscamos situar a pesquisa qualitativa na modalidade de fenômeno situado, destacando os conceitos de *epoché*, análise Ideográfica e análise Nomotética aplicados a uma pesquisa anterior no campo educacional que usou esta abordagem. O ensaio pretende despertar o interesse por esta metodologia de pesquisa para aplicação no campo das ciências humanas.

**Palavras chave:** Fenomenologia, Husserl, *epoché*, metodologia.

### Abstract

In this article we propose a reflection on the use of the phenomenological approach for the analysis of semistructured interviews. Through the resumption of concepts relevant to the phenomenology of Husserl, we seek to place the qualitative research in the mode of situated phenomenon, highlighting the concepts of *epoché*, Ideographic analysis and Nomothetic analysis applied to an earlier research in the educational field that used this approach. The essay intends to arouse interest in this research methodology for application in the field of human sciences.

**Key words:** Phenomenology, Husserl, *epoché*, methodology

### Introdução

A questão do método nas ciências humanas há muito tem sido colocada de maneira a conferir cientificidade às pesquisas realizadas por este campo do saber humano. O paradigma

positivista, que guia a maneira de pensar das ciências em geral, nem sempre se aplica ao campo das relações humanas. Das ciências que a estas relações se dedicam, notadamente, destacam-se a educação, a sociologia e a psicologia.

No entanto, a busca pelo rigor científico nestas ciências tem tomado grande parte das discussões em torno do estabelecimento do campo de pesquisa em ciências humanas. A objetividade, tão cara aos positivistas, tem sido questionada por metodologias que buscam não apenas aferir ou chegar a conclusões, mas sim entender processos.

As pesquisas no campo da educação que visam entender processos por várias vezes se valem das entrevistas semiestruturadas. Cabe, portanto, pensar nas formas de realização destas entrevistas e principalmente no processo de análise das mesmas. Essa reflexão visa estabelecer um rigor científico que possibilite uma contribuição para além da simples análise de casos específicos, assim permitindo uma visão mais ampla sobre os processos nos mais diferentes contextos.

### **As entrevistas semiestruturadas**

Mas, o que entendemos aqui como entrevistas semiestruturadas? De acordo com Manzini (2003, p. 13) as entrevistas no campo acadêmico podem ser entendidas como conversas orientadas para um objetivo que é previamente definido pelo pesquisador. Das várias formas de entrevistas, destacamos a entrevista semiestruturada. O que a caracteriza é o fato de haver uma elaboração prévia de um roteiro com perguntas que possibilitem respostas abertas. Não se trata, portanto, de um questionário, mas de um guia para uma entrevista que apenas baliza uma conversa entre pesquisador e entrevistado. O objetivo deste guia é buscar minimamente uma unidade na discussão. As entrevistas semiestruturadas como permitem um escopo de respostas muito variadas, não visam estabelecer resultados estatísticos. Mas sim, entender algum processo ligado a um caso específico, buscando perceber o que pode ser entendido de forma mais ampla sobre processos similares.

Neste sentido, podemos dizer que as entrevistas buscam conhecer aquilo que os pensadores da fenomenologia chamavam de essência. Em vista disso, cabe-nos agora entender como a análise do tipo fenomenológica pode ser aplicada às entrevistas semiestruturadas.

### **A fenomenologia de Husserl e o método fenomenológico: uma visão aplicada**

O entendimento de fenomenologia e de fenomenológico que aqui defendemos é ancorado no pensamento do filósofo Edmund Husserl (1859-1938), considerado o fundador da fenomenologia.

A fenomenologia apresenta como lema o “retorno às próprias coisas” buscando romper com sistemas filosóficos que, estabelecidos em seus pressupostos teóricos, buscam apenas encaixar o mundo em suas teorias. A ideia central é buscar o Fenômeno (do grego *φαινόμενον*), ou seja, aquilo que se manifesta. Interessa ao fenomenólogo aquilo que se apresenta à consciência de maneira mais límpida e anterior a qualquer interpretação teórica que possa diminuir o seu entendimento. A fenomenologia é

"um nome que se dá a um movimento cujo objetivo precípua é a investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e de preconceitos". (MARTINS apud BICUDO, 1994, p.15).

A fenomenologia não se reduz a um método, no entanto, é possível realizar uma metodologia de enfoque fenomenológico, aproximando-se daquilo que Garnica (1997, p. 112) chamou de

pesquisa qualitativa na modalidade de fenômeno situado.

O primeiro passo para a realização de uma pesquisa qualitativa na modalidade de fenômeno situado é a *epoché*. Para Husserl,

A *epoché* filosófica [...] deve consistir, formulando-a expressamente, em nos abstermos por completo de julgar acerca das doutrinas de qualquer filosofia anterior e em levar a cabo todas as nossas descrições no âmbito desta abstenção. (HUSSERL apud ZILLES, 2002, p. 22)

Trata-se, portanto, de voltar as coisas mesmas (*Zu den Sachen selbst*), de olhar os fenômenos primeiro de forma descritiva, sem tentar apreendê-los por meio das lentes de uma determinada teoria. É colocar o fenômeno entre parênteses, é suspender crenças pressupostas. É deixar que o fenômeno — perdoe-nos a redundância — se manifeste!

Com isso, Husserl ataca os pilares da filosofia moderna, pois sua proposta nega a busca de certezas do Racionalismo, bem como a objetividade da experiência proposta pelo Empirismo. Por fim, torna-se um ataque ao positivismo que de forma tão dura moldou o pensamento contemporâneo. Nas palavras de Husserl,

Assim [com a *epoché*] eu neutralizei todas as ciências que se referem ao mundo natural e, por mais que me pareçam sólidas, por mais que as admire, por pouco que eu pense em acusá-las de alguma coisa, delas não faço absolutamente nenhum uso. Não me apropriado de sequer uma de suas posições, mesmo que sejam de perfeita evidência, não assumo nenhuma delas e de nenhuma delas extraio algum fundamento [...]. Posso assumi-las apenas depois de lhes ter aplicado os parênteses, como consequência do fato de que eu já submeti à modificação da colocação entre parênteses qualquer experiência natural, à qual definitivamente remete toda fundamentação científica, como a uma experiência que manifesta a existência. (HUSSERL, 2006)

Nas entrevistas semiestruturadas, a *epoché* pode acontecer fazendo-se com que as perguntas e/ou pontos do roteiro, permitam respostas mais abertas e não aquelas que confirmam as desconfiças ou hipóteses do pesquisador. Para isso é preciso uma disposição do pesquisador em buscar conhecer o fenômeno estudado de forma ampla, colocando em suspenso os seus pré-conceitos e as teorias que o constituem.

Mas, o que busca o pesquisador que utiliza a pesquisa qualitativa na modalidade de fenômeno situado? Ele busca a essência ou as essências do fenômeno.

Por essência, Husserl entende algo próximo daquilo que já falava Aristóteles. Constitui a essência um conjunto de características sem as quais o ser deixa de ser o que ele é. Este conceito é mormente estudado em contraposição ao conceito aristotélico de acidente, que é constituído por um conjunto de características sem as quais o ser deixa de ser o que ele é. É basicamente a resposta para a pergunta “o que é?” (do latim *quid*). Tudo o que existe possui uma essência.

A fenomenologia não é a ciência dos fatos, e sim a ciência das essências. Para o fenomenólogo não interessa a análise desta ou daquela norma moral, porém compreender por que esta ou aquela norma são normas morais e não, por exemplo, normas jurídicas ou regras de comportamento. Da mesma forma, o fenomenólogo não se interessará (ou pelo menos não se interessará principalmente) em examinar os ritos e os hinos desta ou daquela religião; ao contrário, ele se interessará por compreender o que é a religiosidade, ou seja, o que transforma ritos e hinos tão diferentes em ritos e hinos “religiosos”. Naturalmente, o fenomenólogo também produzirá análises mais específicas

sobre o que caracteriza essencialmente, por exemplo, o pudor, a santidade, o amor, a justiça, o remorso ou os tipos de sociedade, mas, em todo caso, sua ciência é precisamente a ciência das essências. (REALE; ANTISSERI, 2006 p.176)

Depois de situado o fenômeno, ou seja, depois de determinado quais processos se quer conhecer, qual essência se busca encontrar, qual o *quid* da investigação, é preciso tematizar, descrever e transcrever.

Por tematizar, entendemos uma contextualização que permita às pessoas que forem posteriormente ter acesso à pesquisa qualitativa na modalidade de fenômeno situado entender o que seria este “situado”. "Tematizar quer dizer por de forma estabelecida, localizada, um assunto ou tópico sobre o qual se vai discursar, dissertar ou falar seriamente." (MARTINS; BICUDO, 1989; p.76). Tematizar, portanto, é oferecer um conjunto de informações que permitam que o contexto de investigação da pesquisa seja claro. O que não se confunde com a clareza e evidência cartesiana, que mais parece um *insight* psicológico, mas sim se apresenta como uma forma de realmente apreender todas as nuances do fenômeno. Assim, podendo distinguir a essência do acidente<sup>1</sup>, distinguir aquilo que permanece das idiosincrasias.

A transcrição das entrevistas semiestruturadas feita pelo pesquisador juntamente com as suas notas de campo em torno do que observa favorecem a exaustiva descrição pedida por Husserl, assim permitindo um conhecimento mais aprofundado do fenômeno. Não interessam os dados, mas sim a manifestação destes dados à consciência.

Quando os outros descrevem aspectos do fenômeno, eles os descrevem como os percebem, no desejo de comunicar essas suas percepções. A descrição pressupõe uma audiência que não conhece o descrito mesmo quando já exista entre pesquisador e pesquisado uma primeira aproximação. (GARNICA 1997, p. 115)

Tematizado, descrito e transcrito o fenômeno é preciso analisá-lo. Na busca da apreensão das essências do fenômeno, a fenomenologia propõe dois tipos de análise: a análise Ideográfica e a análise Nomotética.

A análise ideográfica visa perceber ideologias na descrição ingênua que os sujeitos fazem de suas práticas ou dos problemas aos quais são confrontados pelas perguntas feitas pelo pesquisador. Ou seja, esta análise visa perceber quais os significados que os sujeitos dão à percepção do fenômeno na descrição que fazem. É uma atividade que requer do pesquisador leituras e releituras das descrições feitas pelos sujeitos, agora transcritas, de maneira a buscar unidades de significados nas falas. Criar unidades de significado é transcrever para a linguagem do pesquisador o que é manifestado pelo fenômeno. Cabe ressaltar que não se trata de um encaixe teórico, ou seja, não é encaixar os fenômenos em conceitos, posto que isso iria contra a proposta fenomenológica, mas buscar termos que possam expressar esta unidade de significado entre os dados que são manifestados à consciência.

Em pesquisa anterior visando compreender a produção de materiais digitais para Educação *online*,<sup>2</sup> na qual utilizamos a abordagem fenomenológica na análise de entrevistas semiestruturadas, foi possível perceber como a análise ideográfica pode levar a construção de unidades de significado. À título de exemplificação, na Tabela 1, vamos reproduzir aqui como as falas dos sujeitos (Professores de Educação *online*) analisadas de forma ideográfica

---

<sup>1</sup> Acidente, cabe ressaltar, não é um termo husserliano, mas aristotélico. No entanto, não há como negar a influência da lógica aristotélica no pensamento de Husserl.

<sup>2</sup> BERNARDES, Clinger Cleir Silva. **Desenho didático de materiais digitais para educação a distância online**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

auxiliaram na construção de unidades de significado.

Sujeito	Trecho destacado	Unidade de significado
P2	[...] se diferencia muito da relação presencial em que você tem a gesticulação, tem a entonação de voz.	Comparação com o presencial
P1	[...] é muito semelhante a aula presencial	
P1	[...] você precisa descolar dessa forma de você trabalhar com os alunos no curso presencial, e descobrir, porque aí é descobrir realmente uma outra forma	

Tabela 1- Construção de unidades de significado por meio da análise ideográfica (BERNARDES, 2012, p. 112)

Já a análise nomotética busca, a partir das unidades de significado, criar categorias abertas que estruturam um entendimento mais amplo sobre o fenômeno. Nomotético (do grego *νομοτέτιο*) etimologicamente significa aquilo que é relacionado ao estudo ou descoberta de leis gerais, da natureza ou do comportamento humano.

A análise nomotética é feita com base na análise das divergências e convergências expressas pelas unidades de significado, estando vinculada, ainda, a interpretações que o pesquisador faz para obter cada uma dessas convergências ou divergências. Disso, novos grupos são formados e, num processo contínuo de convergências e interpretações, sempre explicitadas, novas categorias abertas, mais gerais, vão-se formando. As generalidades resultantes dessa análise iluminam uma perspectiva do fenômeno, dado seu caráter perspectival. (GARNICA 1997, p. 117)

As unidades de significado, portanto, permitem a criação das categorias abertas. As categorias já não representam somente o contexto da investigação, mas se direcionam mais a um entendimento das essências do fenômeno. Novamente nos reportaremos à pesquisa anterior para percebermos como ficou a criação das categorias abertas.

Unidades de significado	Categorias Abertas	Ocorrências
Apropriação da tecnologia	Formação dos membros da equipe	14
Formação informal		
Professor contribui com conteúdo		
Planejamento do material		
Reuniões		
Cuidado com o texto		
Professor define conteúdo		
Aprender tecnológico		
Atualização do material		
Retorno do material para o docente		
Retorno dos alunos		
Atualização		
Trabalho em equipe		
Revisão	Interdisciplinaridade	7
Interdisciplinaridade		
Reuniões de professores		

Tabela 2 - Construção das categorias abertas por meio da análise nomotética. Reprodução parcial. (BERNARDES, 2012, p. 113)

As categorias abertas representam, então, as regras, normas, leis ou estatutos que regem um fenômeno. Alguns autores usam até mesmo o termo estrutura que não tomaremos aqui para que não se confunda com a abordagem estruturalista. Na tabela 2, o que vemos é o que seria

então as regras, normas, leis e estatutos que regem a produção de materiais digitais para a Educação *online*, de acordo com a pesquisa realizada em 2012. Ou seja, de acordo com os entrevistados, a “Formação dos membros da equipe” e a “interdisciplinaridade” são essenciais para a compreensão do fenômeno educacional em questão.

É importante perceber que a classificação das falas dos sujeitos e os agrupamentos em unidades de significado, bem como a análise das convergências entre as unidades de significado criando as categorias operam por meio de reduções.

Por redução fenomenológica Husserl entendeu a *epoché* fenomenológica, que é a neutralização da atitude natural, ou pôr o mundo entre parênteses. Às vezes, mais particularmente, ele entendeu por redução o momento positivo da *epoché*, que é o da reflexão interna sobre o ato, em busca de captar o ato em sua intencionalidade. (ABBAGNANO, 2000. p. 837)

A ideia da redução é apresentar os modos típicos como um fenômeno se manifesta à consciência. Numa perspectiva que tende para o idealismo, cada categoria aberta representa a forma universal de um dado da experiência. Portanto, as falas dos sujeitos são dados que são captados pela consciência por meio da essência da qual é exemplo. No entanto, esta essência não está dada, ela se manifesta quando temos uma apreensão do fenômeno ancorada na *epoché* fenomenológica. Assim podemos chegar à uma compreensão mais ampla do fenômeno que pode fazer com que nos aproximemos de sua essência. “A essência do que se procura nas manifestações do fenômeno nunca é totalmente apreendida, mas a trajetória da procura possibilita compreensões” (GARNICA, 1997. p. 114).

## Conclusão

O intento de Husserl, como diz o título de sua própria obra de 1911, é utilizar a “*A filosofia como ciência de rigor*” fazendo dela o método seguro para as ciências humanas frente aos ataques do positivismo. Com as categorias abertas, torna-se possível uma reflexão ampla sobre o fenômeno, que agora é exposto em suas essências. Pensar, escrever e discutir estas categorias abertas é discutir a essência do fenômeno pesquisado. Ao invés de dados, o que vai garantir a efetividade do método é o processo estabelecido, desde a percepção dos dados até a identificação de qual essência eles são portadores ou de que ideia transcendental participam.

Neste artigo, buscamos ressaltar que a análise fenomenológica dialoga e contribui com a pesquisa educacional e com a análise de entrevistas semiestruturadas. A adoção de tal perspectiva na pesquisa educacional permitirá uma interpretação mais ampla dos fenômenos educacionais. A partir de experiências singulares dos entrevistados, torna-se possível o conhecimento das essências a partir daquilo que é manifestado (fenômeno) nas práticas educacionais.

## Agradecimentos e apoios

CNPq, Nutes/UFRJ e Ifes

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERNARDES, Clinger Cleir Silva. **Desenho didático de materiais digitais para educação a distância online**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- BICUDO, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V., ESPÓSITO, V. H. C. (orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**. São Paulo, agosto de 1997, p. 109-122. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista1/ensaio7.pdf>> . Acesso em: 24 nov. 2017.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia como ciência de rigor**. Coimbra: Atlântida, 1965.
- MANZINI, Eduardo José, Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE, Sadao. (orgs) **Colóquios sobre pesquisa em educação especial** Londrina: Eduel, 2003, p 11-25.
- MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.
- REALE, Giovanni; ANTISSERI, Dario. **História da filosofia**. v. 6. São Paulo: Paulus, 2006.
- ROJAS, Juciamara; FONSECA, Regina Baruki; SOUZA, Rosana Sandri. Fenomenologia e rigor na pesquisa educacional: a experiência da UFMS. **Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos** – Rio Claro, 09 e 11 de outubro de 2010. Disponível em: < <http://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/80.pdf> >. Acesso em: 24 nov. 2017.
- ZILLES, U. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.